

A IMPORTÂNCIA DO CURRÍCULO CONTEXTUALIZADO PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E O PROCESSO FORMATIVO DO PROFESSOR

Bruno Gomes Lúcio¹
Romilson Alan Oliveira da Silva²
Rayane Medeiros de Oliveira³

INTRODUÇÃO

De acordo com os parâmetros atuais, podemos afirmar que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) pode ser definida como um campo educacional marcado por desafios bastante significativos, mas também por enormes possibilidades transformadoras. Desse modo, seu intuito é atender sujeitos que, por diferentes razões, tiveram suas trajetórias escolares interrompidas. A EJA não é apenas um espaço de alfabetização e escolarização, mas um ambiente onde se busca resgatar histórias de vida, potencializar saberes e possibilitar o exercício pleno da cidadania. Cada educando traz consigo experiências únicas, enraizadas em contextos sociais, econômicos e culturais específicos, o que exige uma abordagem pedagógica que se coloque para além do ensino tradicional, valorizando o indivíduo como protagonista de sua aprendizagem.

Nesse cenário, podemos alegar que o currículo ocupa um lugar central como instrumento de mediação entre o saber formal, que também faz parte do ensino na EJA, e as vivências prévias dos estudantes. No entanto, para que o currículo atenda às demandas específicas do público da EJA, é necessário que ele seja contextualizado, ou seja, que dialogue diretamente com as realidades, necessidades e aspirações dos educandos, isso porque um currículo contextualizado não apenas garante uma educação mais significativa, mas também atua como um agente de inclusão para a superação de desigualdades educacionais.

Ele se transforma em um elemento essencial na construção de práticas pedagógicas que promovem a autonomia dos estudantes, ajudando-os a compreender e transformar suas próprias histórias, a comunidade e os demais espaços em que estão inseridos.

¹ Graduado no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pelo Centro Universitário INTA - UNINTA, suportebrunolucio@gmail.com;

² Graduado no Curso de Licenciatura Plena em Letras Português/ Inglês pela da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, romilson.oasilva@professor.pb.gov.br;

³ Graduada no Curso de Licenciatura Plena em Física pelo Instituto Federal do Rio Grande Do Norte - IFRN, rayane.medeiros.oliveira2@gmail.com;



Paralelamente, a atuação do professor na EJA vai além da simples transmissão de conteúdo, pois cabe ao educador estar preparado para ressignificar sua prática pedagógica, incorporando metodologias que considerem a pluralidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Isso requer não apenas competências técnicas, mas também uma formação continuada que fomente reflexões sobre as especificidades do público atendido, a relevância do currículo e as práticas pedagógicas empregadas. Como destaca o sociólogo e professor Miguel Arroyo, em sua obra *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*, de 2017, a prática docente na EJA é desafiadora, pois lida com assuntos que carregam uma historicidade rica e complexa, exigindo sensibilidade e criatividade na elaboração das estratégias de ensino.

Com base nestes pressupostos, defendemos que uma formação docente continuada e crítica é necessária para construir práticas inclusivas e transformadoras, que não apenas atendam às necessidades dos educandos da EJA, mas que também contribuam para a promoção de uma educação de qualidade e de um projeto de sociedade mais justo e democrático. Ao abordar esses aspectos, esperamos contribuir para o debate acadêmico sobre a EJA e reforçar a importância de políticas e práticas pedagógicas comprometidas com a inclusão e a valorização dos assuntos educacionais.

Assim, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), como já vislumbrado anteriormente, se apresenta como um campo educacional singular, já que é marcada por desafios que envolvem a garantia de direitos sociais, a superação de desigualdades históricas e a promoção de aprendizagens significativas. Para os sujeitos que acessam essa modalidade de ensino, a escola torna-se um espaço de resgate não apenas do direito à educação, mas também de suas identidades e experiências de vida, muitas vezes invisibilizadas por processos sociais e econômicos excludentes. Nesse contexto, o currículo contextualizado surge como uma necessidade fundamental, capaz de articular os saberes escolares com os conhecimentos e vivências acumuladas ao longo das trajetórias dos educandos, promovendo um aprendizado emancipatório e relevante.

No entanto, apesar desta necessidade, podemos afirmar que a organização curricular da EJA ainda enfrenta obstáculos históricos e estruturais, pois como destaca Inês Oliveira em seu artigo *Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA*, publicado em 2007, algumas práticas pedagógicas convenientes, como a infantilização dos educandos e a fragmentação dos conteúdos, acabam por desconsiderar a especificidade dessa modalidade, não levando em consideração as experiências de vida dos educandos no momento de escolher a metodologia a ser utilizada em sala de aula.



Para superar essas barreiras, é essencial compensar o currículo em termos de conhecimento em rede, como já assinalou Oliveira no texto ora citado, no qual a aprendizagem é construída a partir da interação entre as experiências dos sujeitos e os saberes produzidos historicamente. Um currículo vivo e contextualizado, deve ser pautado pela realidade dos educandos e pela valorização de suas trajetórias, pois apenas dessa forma que poderia se garantir uma educação significativa e que dialogue com as necessidades concretas desses educandos.

Além do currículo, o papel do professor na EJA emerge como central na promoção de práticas educativas inclusivas e transformadoras. Souza e Fontoura no artigo intitulado *Docência Inicial em Educação de Jovens e Adultos e a Potência da Narrativa como Dispositivo de Formação* (2018), enfatizam a importância das narrativas como dispositivos formativos, permitindo que os docentes reflitam sobre suas práticas e sobre o potencial das experiências de vida como fonte de aprendizagem. O professor que atua na EJA precisa ser, ao mesmo tempo, um mediador sensível às singularidades dos estudantes e um sujeito em formação constante, capaz de ressignificar suas práticas pedagógicas em diálogo com a realidade social e cultural dos educandos.

Este artigo, fundamentado em reflexões teóricas e nos debates contemporâneos sobre currículo e formação docente na EJA, busca evidenciar a importância de uma prática pedagógica contextualizada, que reconheça e valorize os sujeitos jovens e adultos como protagonistas de suas aprendizagens. A partir das contribuições de Arroyo (2017), Freire (2015) e Morin (2000), bem como dos estudos recentes desenvolvidos, propomos discutir como o currículo contextualizado e a formação continuada podem contribuir para a construção de uma educação de qualidade, comprometida com a inclusão, o respeito à diversidade e a transformação social na EJA.

O CURRÍCULO VIVO E A ORGANIZAÇÃO ESCOLAR NA EJA

A EJA tem sido historicamente marcada por abordagens compensatórias, destinadas a corrigir lacunas educacionais geradas por um sistema desigual. No Brasil, a EJA surgiu em um contexto no qual a exclusão educacional era estrutural, afetando especialmente as populações mais vulneráveis. Como aponta Sérgio Haddad (2000, p. 45): “as políticas educacionais brasileiras priorizaram, durante décadas, a educação infantil e o ensino regular, relegando a educação de jovens e adultos a programas de alfabetização de caráter transitório”. Essa visão compensatória resultou em currículos



descontextualizados e práticas pedagógicas que desconsideravam as experiências de vida dos educandos. Além disso, a descontinuidade das políticas públicas agravou a fragmentação da EJA, dificultando a consolidação de uma educação integral e emancipadora. De acordo com Freire em sua obra *Educação como prática de liberdade*, de 1983, a educação deve ser um ato político e libertador, mas “a EJA no Brasil foi historicamente reduzida a uma ferramenta de adaptação social, ao invés de um instrumento de transformação” (Freire, 1983, p. 18).

Desse modo, mesmo que possamos apontar avanços recentes nesse meandro, ainda há alguns desafios que persistem como, a título de exemplo, a inclusão da EJA no Plano Nacional de Educação (PNE 2014-2024). Sob esses pressupostos, percebe-se que a implementação de políticas eficazes encontra barreiras na falta de financiamento adequado, na formação insuficiente de professores e na ausência de currículos que dialoguem com as realidades sociais dos educandos (Brasil, 2014).

A relação entre o currículo tradicional e o currículo contextualizado é um dos pontos centrais do debate sobre a EJA o que, por si só, já demonstra a importância e necessidade deste trabalho. Ora, o currículo tradicional, baseado na fragmentação do conhecimento e na transmissão de conteúdos descontextualizados, muitas vezes ignora as vivências e os saberes dos educandos da EJA. Como argumenta Gimeno Sacristán (1998, p. 34): “o currículo tradicional tende a homogeneizar os sujeitos, desconsiderando suas especificidades culturais, sociais e econômicas”. Em contraste, o currículo contextualizado busca integrar os conteúdos escolares às realidades dos educandos, promovendo uma educação mais significativa. É fundamental que o currículo na EJA seja construído a partir das experiências concretas dos sujeitos, respeitando suas histórias e valorizando seus saberes. Essa abordagem permite que os educandos se reconheçam no processo de aprendizagem, fortalecendo seu protagonismo e promovendo uma educação emancipadora.

No entanto, apesar do avanço conceitual, a implementação do currículo contextualizado enfrenta resistências, pois muitos educadores, formados em práticas tradicionais, encontram dificuldades em adaptar suas metodologias. Além disso, a ausência de diretrizes claras e a fragmentação das políticas públicas dificultam a consolidação de um modelo curricular que dialogue com as demandas da EJA, como bem já defende Moreira (2001).

A construção de um currículo contextualizado e significativo na Educação de Jovens e Adultos é uma necessidade urgente para superar os desafios históricos e atender



às especificidades desse público. Givaldo Carvalho e Márcia Almeida no estudo Um Currículo Vivo para atender aos Novos Perfis da Educação de Jovens e Adultos - EJA na Cidade de Mundo Novo – Bahia, publicado em 2022, apresentam uma reflexão sobre a importância de um currículo que dialogue com os novos perfis dos estudantes da EJA. Para os autores, é essencial que a proposta curricular seja capaz de “acolher o contexto dos estudantes”, promovendo a aprendizagem a partir de suas realidades e experiências (Carvalho; Almeida, 2022, p. 3).

Um ponto fundamental abordado no estudo é a relevância das diretrizes curriculares no processo de permanência e sucesso escolar dos educandos. Segundo os autores, a construção de um currículo vivo deve considerar as demandas dos sujeitos que compõem as turmas da EJA. Em suas palavras:

Um Referencial Curricular específico deve primar pela formação dos sujeitos da EJA, com vistas ao fortalecimento de relações sociais que garantam seus direitos de aprendizagem sobre conteúdos historicamente produzidos e socialmente visíveis, para que se alcance, sobretudo, a dimensão praticada do documento (Carvalho; Almeida, 2022, p. 3).

Além disso, é necessário reconhecer as transformações que vêm ocorrendo no contexto da EJA, impulsionadas pela pluralidade dos perfis dos estudantes e pelas exigências contemporâneas. Como destacam os autores: “Um dos indicadores que podem interferir para essa mudança é a constituição de uma equipe de coordenadores(as) pedagógicos(as) com experiência em turmas de jovens e adultos para orientar os(as) docentes tanto no planejamento quanto nos momentos formativos” (Carvalho; Almeida, 2022, p. 2).

Dessa forma, a proposta curricular deve ser construída de maneira colaborativa, considerando os sujeitos como protagonistas do processo educativo e oferecendo oportunidades reais de aprendizagem. A escola, nesse contexto, precisa ser um espaço de inclusão, acolhimento e transformação social, não apenas um ambiente de transmissão de conteúdos, no qual não se leva em consideração as experiências e realidade dos discentes. Outro aspecto importante nas discussões sobre a EJA é a formação do professor. Souza e Fontoura (2018), por exemplo, apresentam a importância das narrativas como dispositivo formativo na construção da identidade docente para atuar na EJA. A pesquisa, baseada em uma metodologia autobiográfica, evidencia como as histórias de vida e as experiências cotidianas fortalecem a prática pedagógica e a reflexão crítica dos educadores. Ali, é argumentado que a formação de professores para a EJA não pode ser pensada de forma



descontextualizada, pois deve estar diretamente relacionada à realidade dos educandos e aos desafios enfrentados no cotidiano escolar. Em suas palavras:

A (auto)biografia contribuiu para a formação identitária docente em EJA das alunas e das pesquisadoras, fortaleceu as aulas e estágios em EJA e potencializou a escrita como processo autorreflexivo e conhecimento das individualidades e coletividades no percurso de formação” (Souza; Fontoura, 2018, p. 118).

A utilização das narrativas como estratégia formativa possibilita que os professores compreendam as singularidades dos sujeitos da EJA, ressignificando suas práticas pedagógicas e desenvolvendo uma postura crítica e reflexiva. Segundo Souza e Fontoura a formação na EJA precisa ser pautada pela compreensão das histórias de vida dos educandos: “É necessário [...] que ocorra uma reorganização e um novo posicionamento pedagógico do professor nos diferentes espaços e tempos da EJA, com formação docente sólida que atenda à diversidade de sujeitos e que possa verdadeiramente incluir todos os alunos/as no processo de ensino aprendizagem” (Souza; Fontoura, 2018, p. 122),.

Dessa forma, podemos alegar que a formação inicial e continuada dos professores deve contemplar as especificidades da EJA, preparando-os para lidar com a diversidade e para construir práticas pedagógicas mais próximas das realidades dos educandos, pois como reforçam as autoras (2018, p. 124): “a narrativa é como ação rebelde [...] incorporando vozes silenciadas pela política educacional e de formação docente.

REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E CURRICULARES NA EJA

A reflexão sobre as práticas pedagógicas e curriculares na EJA é abordada por Oliveira (2007), que discute os principais problemas enfrentados no campo, como a infantilização dos educandos e a inadequação dos conteúdos e métodos de ensino. Para a autora, a lógica que organiza os currículos tradicionais desconsidera a idade, as vivências e as necessidades dos sujeitos da EJA, reproduzindo práticas inadequadas que reforçam a exclusão e a evasão escolar. A autora ilustra essa problemática a partir de situações reais, como o uso de linguagens infantilizadas nas salas de aula: “Considerando que o público dessas classes é de pessoas entre 20 e 75 anos de idade, fica evidente que o termo



‘folhinha’ usado pela professora deve causar estranhamento ao grupo e, muito possivelmente, realimentar a baixa autoestima que caracteriza muitos desses grupos” (Oliveira, 2007, p. 88).

Outro questionamento lançado pela autora é a fragmentação dos saberes e a falta de conexão entre os conteúdos escolares e as realidades dos educandos, uma vez que é sabido que os discentes aprendem melhor quando os conteúdos são apresentados de forma que conversem, dialoguem com o cotidiano dos discentes, isto é, para a autora, a aprendizagem significativa só é possível quando o currículo dialoga com os saberes prévios e com os contextos sociais dos estudantes. Como aponta Oliveira (2007, p. 90): “Os conteúdos aparentemente abstratos precisam ser trabalhados em relação com sua utilidade concreta, a fim de que a escola possa ter, na adesão dos alunos à necessidade de aprendizagem, um contributo fundamental para a facilitação dos processos pedagógicos”.

A EJA é marcada pela diversidade de seus sujeitos, que trazem consigo experiências de vida atravessadas por diferentes opressões, como gênero, raça, classe e geração. Nesse contexto, a interseccionalidade surge como um conceito fundamental para compreender como essas dimensões influenciam as trajetórias escolares dos educandos. De acordo com Kimberlé Crenshaw (2002, p. 45): “a interseccionalidade nos permite analisar como as desigualdades interagem e criam experiências únicas de exclusão”. No Brasil, a EJA atende majoritariamente mulheres, pessoas negras e trabalhadores informais, grupos historicamente marginalizados e com acesso desigual à educação. Logo, percebemos que a valorização das identidades e saberes desses sujeitos é fundamental para a construção de uma prática pedagógica que promova a equidade e o respeito às diferenças em sala de aula.

Nesse sentido, o currículo da EJA precisa incorporar a diversidade como eixo central, promovendo debates sobre questões de gênero, raça e classe, e reconhecendo os saberes populares como parte integrante do processo educativo. Além disso, é essencial que os professores recebam formação específica para lidar com as especificidades desses públicos, desenvolvendo práticas pedagógicas inclusivas e transformadoras.

Nesse sentido, a organização curricular na EJA deve romper com o formalismo e com a fragmentação dos saberes, adotando uma abordagem que valorize a tessitura do conhecimento em rede, como já propõe Oliveira (2007). A construção do conhecimento deve ser entendida como um processo dinâmico e plural, no qual as experiências de vida dos educandos ocupam um lugar central: “Cada um tem uma forma própria e singular de tecer conhecimentos através dos modos como atribui sentido às informações recebidas,



estabelecendo conexões entre os fios e tecituras anteriores e os novos” (Oliveira, 2007, p. 87). Dessa forma, as práticas pedagógicas na EJA precisam ser repensadas a partir de uma perspectiva crítica e inclusiva, que reconheça a diversidade dos educandos e que promova a construção coletiva da Educação de Jovens e Adultos.

A inclusão das tecnologias digitais na Educação de Jovens e Adultos, por exemplo, apresenta-se como uma oportunidade e, ao mesmo tempo, um desafio. Em um contexto no qual a exclusão digital ainda é significativa no Brasil, especialmente entre as populações mais vulneráveis, a EJA pode desempenhar um papel crucial na promoção da inclusão tecnológica. Sabemos que as tecnologias, quando bem utilizadas, desempenham um potencial de personalizar e podem enriquecer os processos de ensino e aprendizagem na sala de aula.

No entanto, o acesso desigual à internet e aos dispositivos tecnológicos limitam as possibilidades de sua integração efetiva na EJA. Dados do IBGE (2020) mostram que 40% das pessoas de baixa renda no Brasil não possuem acesso à internet de qualidade, o que afeta diretamente os estudantes da EJA, muitos dos quais estão em condições de vulnerabilidade. Para superar essas barreiras, é essencial que políticas públicas garantam infraestrutura tecnológica e formação continuada para os educadores (BRASIL, 2020).

Por outro lado, quando integradas ao currículo, as tecnologias digitais podem ampliar o acesso ao conhecimento e facilitar a personalização do ensino, permitindo que os educandos avancem no seu ritmo. Iniciativas como o uso de plataformas de ensino a distância (EaD) e aplicativos educativos têm demonstrado resultados positivos na EJA, desde que acompanhados de práticas pedagógicas adequadas (MORÁN, 2001).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo permitiu evidenciar a importância de um currículo contextualizado na Educação de Jovens e Adultos (EJA) como um elemento central para a promoção de práticas pedagógicas inclusivas e emancipadoras. Essa abordagem se mostrou fundamental para garantir que o processo educativo dialogue com as realidades e vivências dos educandos, valorizando suas histórias e promovendo a construção coletiva do conhecimento.

A análise revelou que a organização curricular da EJA ainda enfrenta desafios históricos e estruturais significativos, como a descontinuidade das políticas públicas e a



fragmentação do currículo. Apesar disso, o conceito de currículo vivo desponta como uma alternativa viável para superar essas limitações, ao propor a integração dos saberes escolares com as demandas sociais e culturais dos educandos.

A formação docente também se destacou como um aspecto crucial nesse processo. Foi constatada a necessidade de investimentos contínuos em programas que preparem os professores para lidar com a diversidade dos sujeitos presentes na EJA, capacitando-os a desenvolver práticas pedagógicas que promovam a equidade e o respeito às diferenças.

Além disso, foi ressaltado o papel das tecnologias digitais como ferramentas de inclusão, embora seu uso na EJA ainda enfrente barreiras relacionadas ao acesso e à infraestrutura. Nesse contexto, iniciativas que aliem a tecnologia à pedagogia podem ser determinantes para a personalização do ensino e a ampliação do acesso ao conhecimento, sem recorrer à infantilização do ensino para atender as demandas educacionais dos discentes da EJA, que, como apresentamos no decorrer deste trabalho, atrapalham mais do que auxiliam a aprendizagem nesta modalidade de ensino..

Por fim, concluímos que a EJA deve ser compreendida como um espaço de transformação social, no qual o currículo, a formação docente e as práticas pedagógicas caminhem de forma integrada. Esse alinhamento é essencial para construir uma educação de qualidade, que contribua para a superação das desigualdades educacionais e para o fortalecimento da cidadania dos educandos.

Palavras-chave: EJA; Currículo Vivo; Metodologias Pedagógicas; Formação Continuada; Inclusão.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. *Imagens Quebradas: Trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Ed. Vozes, Petrópolis, 2017.

BRASIL. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Acesso à internet e posse de celular*. IBGE, 2020.

BRASIL. *Plano Nacional de Educação 2014-2024*. Brasília: MEC, 2014.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CRENSHAW, Kimberlé. *Documento sobre interseccionalidade: uma perspectiva crítica*. In: PINSKY, Jaime. *Educação e desigualdades*. São Paulo: Contexto, 2002.



HADDAD, Sérgio. *Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e desafios*. São Paulo: Cortez, 2000.

MORÁN, José Manuel. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2001.

MOREIRA, Antônio Flávio. *O campo do currículo no Brasil: os anos 90*. Currículo sem Fronteiras, v.1, n.1, pp.35-49, Jan/Jun 2001.

OLIVEIRA, I. B. de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. *Educar*, Curitiba, n. 29, p. 83-100. Editora UFPR, 2007.

SACRISTÁN, J. Gimeno. *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOUZA MARIA, Liliane Sant'Anna de; FONTOURA, Helena Amaral da. Docência Inicial Em Educação De Jovens E Adultos e a Potência Da Narrativa Como Dispositivo De Formação. *Educação & Formação*, Fortaleza, v. 3, n. 8, p. 118-137, maio/ago. 2018.

